

## ESCRITAS DO CORPO - UMA PROPOSTA DE CORPOREIDADE NO ESTUDO DA LITERATURA

Susana Elaine Fernandes de Araújo (CBNB)

**Resumo:** O presente artigo propõe-se ao relato de experiência inicial, realizada em uma instituição de ensino federal do Rio de Janeiro. O projeto, ao explorar a Literatura por meio da corporeidade, surge na tentativa de aproximar o aluno dos estudos literários, após constatação de um distanciamento gerado pela diferença da linguagem e do contexto em que os textos foram produzidos – especialmente quando tratamos dos conteúdos destinados à primeira série do ensino médio, a que me ateno nessa fase inicial. Parte de uma necessidade de repensar a prática do ensino da Literatura na escola, por meio de atividades que tentam traduzir no corpo a palavra literária. Aproximar o aluno dos textos literários pode partir de um caminho mais afetuoso se ele puder perceber, por meio da experimentação no próprio corpo, o quanto somos, em nossa essência humana, tantas vezes atravessados pelos mesmos temas. Diante das dificuldades testemunhadas pela vivência como professora de Literatura, surge a motivação do esboço de mudança que se tenta projetar. Para tanto, este texto é, primeiro, um compartilhamento de angústias e desejos: constrói-se por um caminho de descrição da atividade proposta, seguida de relatos dos alunos sobre a prática experimentada, e abre-se para a escuta de possíveis desdobramentos da pesquisa que aqui se apresenta.

Palavras-chave: Literatura. Corpo. Escrita. Movimento.

### Introdução

Após dez anos de atuação no ensino de Literatura em colégios públicos – a princípio, estaduais e, há cinco anos, exclusivamente em um colégio federal - surgiu a necessidade de colocar em prática alguma atividade que pudesse reverter o desinteresse crescente que tenho observado no estudo da palavra literária. Ao tratar especificamente de turmas do primeiro ano do ensino médio, série em que se inicia, de fato, o encontro com a Literatura em nossos moldes curriculares, parece haver uma responsabilidade maior: um contato inicial desinteressante com a disciplina Literatura pode prolongar-se pelos anos seguintes de ensino médio. Digo disciplina Literatura, para não desconsiderar o natural contato com a palavra literária, a literatura que ainda não se apresenta como uma matéria, e que, sendo já velha conhecida dos alunos ao longo da formação escolar desde muito cedo, parece uma desconhecida quando se reveste da forma de mais uma disciplina da grade curricular.

Por que, de repente, os textos literários passam a ganhar um lugar de estudo especial, separado das aulas de Língua Portuguesa – a que estiveram até então atrelados? Mais: por que a nova disciplina, que se diz aberta para o estudo da palavra transformada em arte, apresenta-se tantas vezes como um esboço de períodos históricos, análises de características de forma, enquadramentos em gêneros e outras tantas questões instrumentais referentes ao seu estudo?

Da discussão inicial sobre arte e literatura, importante para colocar a literatura no seu belo e devido lugar de palavra que toca a vida, somos conduzidos, por questões didáticas, a seguir por caminhos que, se por um lado podem ampliar o entendimento da matéria de estudo, por outro podem fazer perder-se o essencial do dizer literário, em sua essência livre de qualquer amarra historiográfica tradicional.

É um modelo de ensino ao qual estamos, os professores de um modo geral, acostumados, e que não deve ser analisado por um discurso pronto de que, se há historiografia, não há ensino da literatura de verdade. O contato com o texto não precisa ser impedido por se estudar suas formas, seus contextos de produção, as relações históricas e culturais das quais emergiram. É historiografia enriquecedora, por exemplo, tratar do contexto das cantigas trovadorescas, de seus ambientes, dos pensamentos da Idade Média e dos homens ali gerados. Sem tal visão, como compreender a fundo o distanciamento respeitoso à Senhora amada, o sentido do amor cortês, a vassalagem amorosa?

Evidentemente, a medida da historiografia que mais aproxima que afasta é desafio e trabalho de escolha que, verdadeiramente, só o professor diante das necessidades de sua turma tem como dimensionar. E há um ponto a ser considerado: nos discursos contrários à historiografia, cujo abandono tantas vezes surge como a solução para o despertar da paixão pela literatura (por um dito contato real com o texto), ignora-se que – aqui tratando especialmente do caso do primeiro ano do ensino médio – nem sempre o contato com o texto basta para que o interesse se manifeste. Estamos diante de textos distantes no tempo, com linguagem tão diversa, que a historiografia acima referida pode representar exatamente a contextualização necessária para que aquele texto faça sentido e seja, de fato, lido.

Alguns professores, por vezes, optam por trabalhar com os textos que seus alunos gostam, negociando alguma alternância entre os textos curriculares obrigatórios e os textos por eles, alunos, escolhidos; não deixa de ser uma visão que representa legítimo desejo de valorização da leitura.

Porém, o desafio que aqui se apresenta é o de, seguindo ainda os padrões historiográficos atuais, conseguir aproximar o texto literário (de qualquer época ou lugar) do aluno, trazendo algum sentido; tentar captar, de algum modo, o espírito do texto, independentemente de uma forma que o reveste – que pode parecer, em um primeiro momento, impessoal e distante. A partir disso, talvez seja possível até, ao captar essa essência do texto, valorizar a forma que a gerou, tal como se apresenta – porque, sendo literatura, nenhuma outra forma poderia gerar aquele resultado poético único.

Vera Maria Tietzmann Silva, ao discutir alternativas para o trabalho do professor na recuperação do prazer da leitura, afirma:

Qualquer tipo de leitura pode contribuir para a formação e enriquecimento da bagagem cultural dos alunos, mas é a leitura literária que tem o maior poder de alargar horizontes. Estimulando a imaginar cenários e situações, a entrar na pele dos personagens e a sentir o que eles sentem, o leitor experimenta novos ângulos, novas perspectivas na sua forma de ver o mundo. (SILVA, 2009, p. 131).

Desistir de uma forma literária qualquer é, em alguma medida, limitar a bagagem cultural dos alunos. Chegamos então ao ponto em que o obrigatório precisa ser desdobrado por um meio de descoberta prazerosa; não quero trabalhar um texto barroco (ou árcade, ou humanista) porque ele é obrigatório, mas porque ele nos coloca diante de mais uma dimensão do homem, em seus conflitos, seus medos, sua humanidade. Então, como tal dimensão, sendo paixão para um professor que escolheu estudar Literatura, pode ser transmitida para um aluno que não escolheu estudar Literatura? É a busca de muitos profissionais, certamente, devolver a Literatura ao lugar do prazer.

## A proposta

No presente relato, a busca se faz por meio do corpo. “Em vez de rivalizar com a espessura do mundo, a de meu corpo é, ao contrário, o único meio que possuo para chegar ao âmago das coisas, fazendo-me mundo e fazendo-as carne.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 132).

Fazer-se mundo e chegar ao âmago das coisas, tornando-as carne, é o exercício que vem sendo proposto como meio de trazer a Literatura para si, matéria vivida no corpo. Chegamos ao desafio: explorar a experiência literária por meio da associação palavra-corpo, equilibrando os conteúdos disciplinares com uma proposta de corporeidade.

Assim, temos paralelamente o apontamento da estratégia de investigar a corporeidade, em sua vivência subjetiva, e a dificuldade de inserir tal inovação em uma atuação em sala de aula de escola regular, com seus mecanismos de conteúdos programáticos a serem cumpridos e comprovados em um sistema de prova única – aos moldes de provões, em que todas as turmas de uma série devem realizar o mesmo modelo de avaliação bimestral.

Muito gradualmente tal proposta vem sendo trabalhada, do modo que foi possível até o momento. Um professor, na realidade escolar em que nos inserimos, muitas vezes vê diminuída sua capacidade de pensar a prática, quando essa demanda um trabalho quase mecanicamente executado no cumprimento de tarefas medidas e ritmadas pelo calendário letivo.

Nas aulas de Literatura em que a pesquisa até então foi colocada em prática, seguiu-se o seguinte caminho: num primeiro momento, após percepção do corpo no tempo e no espaço (espaço que inclui o corpo do outro) – por meio de jogos corporais conhecidos em aulas de teatro e/ou dança –, foram propostas criações gestuais motivadas por imagens de cenários concretos e simples (parques, praças, praças...), que conduziram progressivamente a ideias mais abstratas, de sentimentos (amor, tristeza, medo...). Dessa construção ainda genérica, mas já subjetiva, partiu-se para o aprofundamento dos sentimentos percebidos nos textos poéticos trabalhados no

bimestre (no caso, textos trovadorescos - cantigas de amor e de amigo, e textos humanistas - cantigas palacianas e trecho de *A divida comédia*). Tais percepções foram leituras livres de cada grupo (um texto para cada grupo, em função do tempo de atividade), que as traduziu em cenas coletivamente construídas por seus corpos, em forma de quadros. Ainda sem direito ao uso da voz, cada grupo limitou-se a manifestar aos demais apenas o que seus corpos pudessem criar, sendo o corpo o único recurso expressivo. Finalizou-se o encontro com um relaxamento e preparação do corpo para as atividades de aulas regulares que se seguiriam.

A experiência com as turmas foi seguida de breves relatos dos alunos sobre a vivência do encontro. Abaixo, transcrevo alguns.

### **Relatos da experiência**

Destaco abaixo algumas falas dos alunos, muitas delas recorrentes, que nos apontam caminhos relevantes sobre o trabalho realizado. Assim, os alunos relataram:

- A integração da turma;
- A possibilidade de conhecer melhor o próprio corpo;
- O respeito às diferenças do outro;
- A descoberta de novos jeitos de expressar sentimentos;
- Novos conceitos sobre a aula de Literatura;
- Vontade de que mais aulas como a proposta possam ser feitas.

Houve alguns casos de alunos que destacaram a extrema timidez: uns afirmam não terem se desenvolvido plenamente por isso, ao passo que outros consideram que conseguiram se sentir mais à vontade e menos tímidos conforme a atividade foi se desenvolvendo.

**Observação:** Os depoimentos foram, na medida do possível, mantidos em sua integridade. Optei por não fazer correções textuais, sempre que o principal da mensagem pode ser compreendido.

Em alguns depoimentos, foram suprimidas partes muito descritivas da aula.

Estão destacadas em negrito partes mais relevantes para a pesquisa aqui apresentada.

1. “A aula de Literatura foi muito boa, pois nós conseguimos interagir, dar risada e nos sentir mais relaxados. (...) **E ainda conseguimos relacionar o divertido com a interpretação de sentimentos, de cantigas trovadorescas e poemas do período humanista, duas matérias que estamos vendo, ou seja, juntamos o agradável com a aprendizagem.**”

2. “A nossa aula de hoje de Literatura foi diferente, um diferente bom (...) de inventar movimentos divertidos, quadros divertidos (...) **até para aqueles que não gostam muito de literatura, acredito que tiveram a capacidade de ver que podemos tentar entender de uma outra forma**, que no caso, como a aula de hoje foi, pode ser bem agradável e interessante.”

3. “ (...) [a turma] teve a oportunidade de uma aula livre, divertida e relaxante. Na minha opinião, **a aula reforçou o contato com a turma (...) Estimulou a criatividade com as encenações ligadas à matéria de literatura e com as nossas próprias ideias. E nos** ajudou a relaxar, repensar e liberar toda a nossa tensão através do ato de deitar e meditar. Enfim, eu acho que a aula deveria ser feita mais vezes, ela **fez os alunos ficarem unidos e trabalharem juntos**, seria uma ótima ideia ter uma vez por mês!”

4. “De início, **a aula foi uma experiência diferente, pois nunca tinha tido uma aula assim, em uma sala sem cadeiras, em um ambiente “meio que livre”**. Depois comecei a me acostumar e gostar da aula, ao andar pela sala conseguia sentir a parte do meu pé que toca o chão, o que não percebemos no dia-a-dia. (...) **Na minha opinião,**

a melhor parte da aula foi quando ficamos todos deitados em silêncio, foi uma sensação ótima, consegui esquecer tudo naquele momento.”

5. “Eu achei a aula bem legal e diferente, nunca tinha participado de uma aula assim nem parecida e **espero que tenha mais aulas desse tipo ao longo do ano, e que eu consiga não chegar atrasado.**”

6. “Uma aula bem dinâmica, relaxante, estranha (risos) e ao mesmo tempo muito divertida! **Eu pelo menos pude ver as coisas com outros olhares, pude enxergar em imagens projetadas com nosso próprio corpo coisas que eu no dia-a-dia não enxergaria!** Quero *replay* dessa aula.”

7. “Uma experiência nova e divertida. **Porém, não me senti à vontade, já que sou tímido.** Tentei me soltar, já que estava achando interessante.”

8. “Foi uma experiência engraçada, mas **um tanto quanto desagradável. Eu, pessoalmente, não gosto de atividades que me façam ter contato com o chão.**”

9. “Nunca experimentei fazer em um ambiente escolar essa experiência, além de ter sido divertida, trouxe novos conceitos sobre uma sala de aula e de uma relação professor-aluno. (...) mostrou como sentimentos podem ser facilmente trocados com apenas gestos e ao mesmo tempo como ele pode ser mostrado tão intensamente. No final, quando nos deitamos e relaxamos, uma sensação boa ficou no ar, **uma das primeiras vezes que nossa turma ficou totalmente quieta**, nós realmente relaxamos.”

10. “Nesse dia, tive uma experiência incrível e diferente, **superou as minhas expectativas da aula**, tornou a aula mais envolvente e também **aproximou mais a turma, além de ganharmos a oportunidade de conhecermos melhor nossos colegas**

e até mesmo a professora. Resumindo, queria mais momentos como esse, para termos mais liberdade e sensação, de certa forma, de uma autonomia maior em um colégio.”

11. “Eu achei a aula muito interessante, além de **sair um pouco da normalidade escolar, eu pude perceber aspectos do meu corpo que eu nunca reparei**, como meu jeito de andar, **foi uma experiência muito boa** que eu pelo menos **gostaria de repetir.**”

12. “Foi uma experiência muito boa e legal, pois tivemos que trabalhar em grupo, que foi muito produtivo, **fez nos descobrir coisas novas sobre nossos companheiros e nós mesmos.** Foram atividades estranhas, porém divertidas e **espero que se repita.**”

13. “Foram diversas as coisas feitas na aula, **gostei muito, pois todos os alunos interagiram, foi um momento de muita alegria para os alunos e a professora.**

No término de toda a atividade de **descanso para relaxar e se recuperar para retornarmos à sala de aula, acho que deveríamos ter mais aulas assim**, muito bom esse projeto.”

14. “Nesta quinta-feira houve uma aula dinâmica com a professora Susana de Literatura sobre expressão corporal. (...) Começamos a interagir uns com os outros, formaram-se duplas e/ou grupos que variavam entre quatro e oito componentes. Todos os indivíduos tiveram uma sensação de liderança em alguma parte da atividade, pois cada dupla e/ou grupo tinha um líder (...) No final da aula **deitamos para nos acalmar e refletir, junto à musica relaxante de fundo, sobre a experiência única, que foi muito boa para os alunos superarem suas limitações e seus desafios pessoais.**

‘As dificuldades que você encontra se resolverão conforme você avançar. Prossiga, e a luz aparecerá, e brilhará com clareza crescente em seu caminho.’ Jean de Rond D’Alembert.”

15. “A aula prática de Literatura foi muito boa. **Eu sinceramente não dei muita fé nela não**, achei que seria um saco e uma pagação de mico. **Mas assim que começou percebi que não era nada do que eu pensava. Foi muito divertida, engraçada e diferente, eu nunca tinha visto uma aula dessas.** Além das brincadeiras, micos, gestos e mímicas, **a melhor parte, pra mim, foi os últimos minutos quando a professora fez a gente se deitar e relaxar, ouvindo uma música muito bela.** (...) Espero que possamos até o final desse ano ter mais experiências como essa!”

16. “A aula que a professora Susana propôs para os alunos, **particularmente eu não gostei muito, não queria nem participar. Mas na hora resolvi fazer porque seria a única de fora. No início foi difícil se soltar para realizar os movimentos**, mas depois foi mais fácil porque a vergonha já tinha ido embora. **Foi bom porque a turma toda teve um relacionamento diferente, todos estavam mais entrosados.** Ao final todos tiveram tempo de relaxar e terminar o dia mais calmos.”

17. “A aula de literatura foi muito bacana, positiva, alegre, engraçada, **deveríamos ter aulas assim todos os dias.** Aquelas poses, a imagem de um sentimento e lugar, e logo no final teve que fazer uma pose e o outro grupo teria que completar, foi muito legal, **esse movimento marcou muito, deu a ideia de que sempre seremos completados por algum amigo ou amor.** Realmente foi muito alegre.”

18. “A aula de literatura foi bem diferente do que de costume em que a professora fica explicando a matéria enquanto os alunos prestam atenção ou fazem o dever etc., pois participamos de uma aula de expressão corporal pois **há momentos em que as palavras dizem muita coisa, mas a linguagem corporal diz outras bem diferentes.**”

19. “Esse novo modo que a professora de Literatura arrumou para dar aula foi legal. No começo confesso que achei um pouco maluco o modo da aula, mas depois eu amei. Ela encontrou um jeito de transformar a aula interessante e engraçada. No final

até teve um **“momento para relaxar”** e para recompor nossas energias, achei bem legal essa parte, pois além de relaxar também deu para pensar em algumas coisas. Enfim, gostei muito da aula.”

20. **“A aula interativa de literatura foi muito bem formulada, a professora fez com que nos sentíssemos confortáveis, livres.** (...) No final da aula, deitamos todos no chão e ficamos relaxados. A professora nos deu algumas instruções para que nós ficássemos livres, sentindo nosso corpo no chão. Por fim a aula, para mim, foi muito interessante e produtiva. **Serviu para conhecermos melhor nosso corpo, relaxar, e ao mesmo tempo fazer algumas brincadeiras.”**

21. **“Achei muito bom, uma experiência que não vou esquecer.”**

22. **“Nesse trabalho de corpo pude ver, de alguma forma, como o corpo humano funciona em situações atípicas do nosso cotidiano.** O fato de prestar atenção em seus movimentos (...) **nos mostra que nos observamos muito pouco em nossas ações corporais.** Devido à minha limitação física no joelho, não pude fazer todas as propostas, porém nas que foram feitas, senti uma sensação diferente do comum e achei o trabalho muito produtivo.”

23. **“A aula corporal foi um meio de nos soltarmos e nos conhecermos melhor pois, dessa maneira, pudemos enxergar nossos limites. Todos participaram de maneira coletiva: um incentivando o outro, a até mesmo ajudando.** Algumas pessoas ficaram tímidas no começo mas, conforme o tempo foi passando, as mesmas se soltaram e aproveitaram a aula de uma maneira melhor e um ar mais divertido. **Podemos testar nossa coordenação motora através de diferentes exercícios e prestar atenção em nossa postura e nas nossas dificuldades em relação ao nosso corpo. Conhecemos mais sobre nosso físico e sobre nós mesmos, e tivemos a chance de termos uma aula diferente e produtiva.”**

24. “Achei a aula muito produtiva, pois **além de aprendermos, nós nos divertimos juntos.**”

25. “A aula de expressão corporal foi bem interessante. **No início, eu fiquei um pouco retraída, achando que aquilo era coisa de maluco. Mas no decorrer da aula, comecei a me sentir mais à vontade e até gostei da experiência.** (...) Essa aula, mesmo sendo diferente, foi bem produtiva. Espero que tenhamos outra aula assim.”

26. “Na minha opinião foi bem legal, **pois nós aprendemos as expressões corporais, deitamos no chão, aprendemos muitas coisas e também foi interessante para mim e para todos, pois foi algo bastante diferente do que fazemos no dia-a-dia do colégio.** Espero que nós possamos realizar esta atividade outra vez.”

27. “Ontem, a professora de literatura, Susana, fez uma aula diferente com a turma. **Nessa aula fizemos vários exercícios corporais e usamos mais nossos cinco sentidos do que a linguagem oral,** o que na verdade nem era para ser usada e sim nos comunicarmos silenciosamente, apenas com expressões faciais e gestos.

**A aula foi bem divertida, apesar de eu não ter me soltado muito, pois sou tímida demais, mas no fim da aula eu já estava bem menos envergonhada.** (...) A parte que eu mais gostei desta aula foi quando a professora mandou dividir a turma em grupos de seis pessoas para que cada grupo interpretasse uma paisagem escolhida pelo grupo e depois interpretasse um sentimento escolhido pela professora. **No meu grupo nós fizemos um parquinho no qual eu seria a tábua do escorrega. Eu nem sabia que conseguiria ficar de cabeça para baixo com o corpo meio inclinado, mas eu consegui, ainda bem.** (...) Enfim, **a aula não foi apenas para fazermos brincadeiras,** e aprender vários modos diferentes de caminhar, **essa aula nos ensinou que cada ser humano tem uma maneira diferente de caminhar, andar, se comunicar, em tudo.** E quando estamos em conjunto nós nos libertamos mais e tudo fica bem mais divertido.”

28. “Bom, quando me foi apresentada a ideia do trabalho, achei estranho. Algo sem finalidade, algo que não seria legal de se fazer. Mesmo assim resolvi experimentar, pois sabia que poderia me surpreender, e de fato me surpreendeu.

No início foi meio chato porque ficamos andando, nos esbarrando, mas depois foi mudando os movimentos e acabou ficando engraçado, e não foi difícil de perceber que aquilo tava virando uma brincadeira de criança. (...) pois foi a primeira vez que fiz a minha amiga fazer o que eu queria, e também **por me fazer lembrar de alguns momentos da minha infância.**

No final, nós deitamos e relaxamos ao som de uma música, e nesse momento eu estava pensando em todos os exercícios já feitos, e no meio do pensamento, me veio um momento que estive com meu pai, nós estávamos no parque e lá ele corria atrás de mim, e nós brincávamos de mímica e outras coisas que eram associáveis com os exercícios que fizemos. Os exercícios foram super legais, e seria muito bom se fizéssemos de novo. “

29. “Bom, no início, achei a ideia um pouco estranha, meio maluca, achando que não iria dar muito certo. No começo, fiquei um pouco tímida, mas depois fui me acostumando. (...) e depois que a vergonha já havia passado, sentia vontade de fazer mais vezes. Logo após tivemos a nossa hora de descanso, na qual me deitei e com uma música de fundo e a luz apagada, descansei meu corpo, pois mesmo gostando, estava cansada. Aquilo me ajudou a relaxar, não somente o corpo, mas também a alma e o pensamento.

Bom, como visto, adorei cada momento, cada detalhe. Não é só pra agradar não, eu gostei de verdade de trabalhar com o corpo, pois é uma aula agradável, diferente, fora da rotina, e além de tudo, bem interessante.

Espero tê-la novamente, pois eu me senti muito bem, pude ver meus limites, experimentar um conhecimento novo, e além de tudo, me divertir!”

## Considerações finais

O projeto visa a uma reestruturação das aulas de Literatura, a partir das vivências criativas do corpo. O grande desafio, creio, reside na inserção das inovações dentro dos conteúdos programáticos de cada bimestre letivo. Talvez seja uma solução momentânea transformar o projeto em uma atividade extracurricular, aos moldes de uma oficina no contra turno, proposta menos abrangente se comparada à transformação das aulas regulares, que deixariam de ser exclusivamente teóricas, para dar lugar a uma proposta que une prática e teoria.

Alguns questionamentos – Como a palavra literária (a poesia, o romance, o texto dramático) se traduz no meu corpo? Como meu dizer se dá nessa relação corpo-palavra e, daí, constrói minha escrita de mundo? – apontam caminhos para mediar essa busca. Por vezes, a educação nos chega por uma visão mais objetiva e imediata, e nossas habilidades humanas para a dimensão do poético vão sendo esquecidas. Torna-se difícil privilegiar o que toca a vida, quando o foco de nossos planejamentos volta-se para conteúdos que serão, na lógica dos concursos e do mercado de trabalho, úteis. Nesse contexto, a abordagem de estudos que escolham, assumidamente, aprofundar-se em nossas subjetividades – e que poderá gerar seus frutos no espaço/tempo imensurável da vida – parece um desafio. Vivenciar um caminho de educação pelo corpo, no lugar de professor ou de aluno, é reconhecer-se na fragilidade do ser num mundo sempre a conhecer; é aceitar caminhos inventados por cada corpo, em suas reentrâncias; é reconhecer o lugar do abismo. Estar diante de uma experiência como essa gera a necessidade de, como educadora, compartilhar e dialogar com outros pesquisadores, na busca pelo olhar sempre novo sobre o mundo e sobre o nosso fazer no mundo.



## Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Rio de Janeiro: Eldorado.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino Médio*. Brasília, 1999.

CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo: Ensaio sobre o absurdo*. Tradução e apresentação de Mauro Gama. RJ: Editora Guanabara, 1989.

CHEKHOV, Michael. *Para o Ator*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1986.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. Tradução José Arthur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1999.

SILVA, Vera Maria Tietmann. *Leitura literária & outras leituras – impasses e alternativas no trabalho do professor*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.